

Os circuitos comerciais das empresas do ramo de tecidos, roupas e armarinhos do Rio de Janeiro: o estudo de dois casos

Eulália Maria Lahmeyer Lobo

O Rio de Janeiro desempenhou um papel central no comércio interno e externo do Brasil, nos séculos XIX e XX, foi o núcleo pioneiro da indústria e teve a primazia nessa atividade até a segunda década do século XX. O comércio de varejo e atacado de importação e exportação carioca tem sido amplamente estudado nas últimas três décadas¹, porém os circuitos mercantis ainda não foram adequadamente analisados.

O Rio de Janeiro singulariza-se por ser uma cidade em que a acumulação de capital vinculada ao comércio ocorreu quando já estava declinando a exportação do café por esse porto. Não foi um apêndice do campo e da produção agrícola. Usufruiu de uma vasta rede de comércio interno que se estendia do Pará ao Rio Grande do Sul, do litoral ao planalto central. Dispunha de um sistema financeiro importante e da primeira Bolsa de Valores do país.

Os imigrantes portugueses exerceram um papel relevante no comércio e nos setores financeiro e industrial. Wagner Chagas Menezes² fez um levantamento do pequeno comércio a varejo, dos ramos de açougue, padaria, peixaria, secos e molhados, casas de pasto, restaurantes, botequins e armarinhos e fazendas, averiguando que a preponderância portuguesa nesses ramos atingia 60, 63%. Rubenita Vieira³

¹ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Fontes para a História do Comércio na Cidade do Rio de Janeiro. In: *Boletín de Fuentes - América Latina en la Historia Económica*. Casas Comerciales, México, Enero-Junio, 1998, nº 9.

² MENEZES, Wagner Chagas de. *Costurando os retalhos: configuração e cotidiano do pequeno comércio do espaço central da cidade do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas, Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 1998, mimeo, p. 79-80-81.

³ VIEIRA, Rubenita. *O Tribunal do Comércio: modernização e imobilismo (1851-1889)*. 2 v. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1985, p. 384-385, 402 e 487.

aponta 75% de lusos no ramo de armarinho e 25% de brasileiros. O primeiro dos dois autores citados ainda conclui, a partir dos dados da Junta do Comércio, que os portugueses eram proprietários de 40 a 46% dos pequenos estabelecimentos comerciais do espaço central da cidade do Rio de Janeiro, de 1889 a 1903.

O espaço central compreendia, segundo a definição desse autor, um retângulo tendo a Praça da República, a Oeste, o cais da Praça 15, a Leste, a Prainha, ao Sul, e os morros de Santo Antonio e do Castelo, ao Norte.

As cartas de um comerciante português, Antonio Dias Leite, que trabalhou na Casa Costa Pacheco, situada no centro do Rio de Janeiro, de 1893 a 1918, estabelecimento de atacado e varejo do ramo de armarinho e tecidos, e que fundou outra casa congênere com um sócio, também português, a Siqueira Leite, revelam alguns aspectos da importação que me parecem pouco estudados. Creio que têm relevância, dada a importância desse ramo mercantil no Rio de Janeiro e da participação portuguesa nele. As cartas, apesar de serem de caráter familiar, descrevem a rede de importações, internacional, dessas duas casas comerciais e a extensão do mercado interno de que dispunham.

Antonio Dias Leite foi calculista, caixeiro, caixeiro viajante, chefe de escritório, comprador, interessado, gerente e sócio da Costa Pacheco, percorrendo essa escala profissional de 1893 a 1905. Fazia viagens à Europa por conta da Casa Costa Pacheco, a cada dois anos, circulando por Paris, Londres, Berlim, Praga e Viena. Às vezes viajava com o proprietário da loja, Antonio Maria da Costa. Recebia as encomendas do Brasil, escolhia os modelos de roupas e chapéus femininos em Paris e os trajes masculinos e tecidos em Londres. Desenhava os modelos parisienses que seriam executados em Berlim onde a mão-de-obra era mais barata. As encomendas tinham de ser executadas, em especial, para o freguês, por causa das diferenças das estações do ano, entre o Brasil e a Europa.

Em carta de 3 de outubro de 1902, dirigida a Georgeta Furquim Lahmeyer⁴, contava que levara 39 horas de trem, de Lisboa a Paris, onde desembarcara no Quay d'Orsay, estação do Sud Express, aí o aguardava o proprietário da sua casa comercial. Estava preocupado com o enterro de Emile Zola, programado para o dia 4, que seria provavelmente motivo de grandes manifestações populares de apoio e de antagonismo. Em carta de 5 de outubro, descreve o seu cotidiano em Paris:

⁴ Cartas manuscritas de Antonio Dias Leite, todas dirigidas de vários locais na Europa para a noiva Georgeta Furquim Lahmeyer, residente no Rio de Janeiro - Arquivo particular de Laura Leite Maia.

Levanto-me às 7, vou a Auteil tomar o banho Kneipp e chego ao escriptorio às 9½ d'este. Saio ao meio dia para almoçar. Às 2 horas começamos as nossas pergrinações por casas dos fabricantes e pelos armazéns e quando às 6½, me dirijo para a rua Lafayette, "j'ai les jambes qui me rentrent dans l'estomac" não só de fome como de cansaço.

Na carta de 18 de outubro, ocupa-se com encomendas de vestidos para sua família e chapéus de verão para a loja que não encontra no Fauborg Saint Honoré, rue Lafayette e rue Morgador. Dá conselhos sobre a moda: "O teu chapéu melhor está na moda bastando que lhe levantes a aba do lado esquerdo. E com certeza lhe dá um jeito e ficará magnífico." Informa que mandou fazer um leque e comenta o penteado em voga: "(...) consiste em embrulhar a cabeça no cabelo enroscando este em volta daquella, como se faz com as tranças mas não se faz trança e apenas se enrosca ligeiramente. A cabeça d'uma mulher assim despenteada parece um grande novello de lã frouxo para bordar."

Em 23 de outubro, escreve de Londres, expressando suas saudades e impressões da cidade. Discute as dificuldades que enfrenta no negócio para conseguir um contrato de sócio, sem o qual não poderá casar. Um dos sócios antigos reluta em se aposentar e além dele, há outro pretendente à vaga que ainda não se abriu. Acredita que a Casa Costa Pacheco se o não fizer sócio, o fará interessado (carta sem data, provavelmente de 1902).

Aprecia os aspectos modernos de Londres, hotéis, trens subterrâneos, elétricos, clubes com todo o conforto.

De Londres retorna a Paris, donde parte para Berlim, em 16 de novembro de 1902. Hospedou-se com o patrão no melhor hotel da cidade, em frente a Unter den Linden "a rua do Ouvidor de cá". (carta de Berlim, 17 de novembro).

As mulheres por aqui vestem-se de um modo horrível e há sujeitos que muito sérios vão ao teatro com uma penna de gallinha no chapéu. Os condutores dos carros do correio levam um espanadorsinho no chapéu, feito de pennas de gallináceos. A cidade parece-me mais bonita que Londres, e mais feia que Paris e menor do que qualquer das duas.

Considera Berlim a cidade mais limpa que conhece, porém apesar do asseio e dos prédios grandes e bonitos, torna-se monótona pela uniformidade das ruas, das casas, das árvores, dos lampiões (carta de 24 de novembro). Em 23 de novembro de 1902, chegou a Praga, cuja beleza o encanta. Nessa cidade comprou camisas masculinas consideradas as melhores do gênero. Foi à Ópera "semelhante a grande ópera de Paris, há mais luxo do que em Berlim e as mulheres não são feias como lá" (Carta de Praga,

datada de 26 e 27 de novembro de 1902).

Em carta de 4 de dezembro, de Paris, justifica o atraso de sua volta ao Rio porque: "Fazer compras não quer dizer vir a Europa comprar antes significa mandar encomendas do Rio, capazes de serem aqui executadas sem dificuldade." Comenta que tem de averiguar o preço de vários artigos de vestuário em diversos países e avaliar os riscos da importação que envolve direitos alfandegários altos e as possibilidades de consumo do mercado brasileiro em depressão.

No ano de 1903 ocorreu um auge das greves no Rio de Janeiro, provocado pelo encarecimento da habitação popular decorrente da remodelação urbanística do centro da cidade, de 1902 a 1906, forçando a migração de operários e artesãos para os subúrbios, agravado pela tendência a baixa salarial que não chegou a ser compensada pelo declínio dos preços dos alimentos e congelamento do valor dos transportes. A política da vacina obrigatória agravou o descontentamento popular. A liderança das greves passa das categorias artesanais para os operários da indústria de tecidos.

Antonio Dias Leite ainda estava em Paris, em janeiro e fevereiro de 1903, apreensivo com a conjuntura econômica desfavorável. Só regressa ao Brasil em abril desse ano preocupado com os maus negócios e as epidemias. Em 13 de abril o navio em que embarcara de Portugal não aportou em Pernambuco por causa da peste (Carta de Paris, 14 de janeiro e 5 de fevereiro; do Porto, 13, 19, 27, de fevereiro; Monte Estoril, 11 e 18 de março; de Lisboa, 3 de abril; de bordo do navio Amazonas, de 18 de abril). Chega ao Rio de Janeiro a 28 de abril de 1903.

Os bilhetes enviados do centro da cidade a Georgeta que residia na Tijuca, de março de 1903 a dezembro desse ano, na sua maioria expressam desculpas por não poder visitá-la devido ao acúmulo de trabalho, serões até nove e meia e dez horas da noite, obrigações de ciceronear fregueses na cidade, e de participar de compromissos sociais da Casa Costa Pacheco.

Essas informações dão uma idéia da amplitude do mercado interno, os fregueses da casa vêm de Belém, Recife, Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, de Goiás e Mato Grosso. Os negócios continuavam prejudicados pela conjuntura internacional e pelas obras no centro comercial da cidade.

Alguns bilhetes, sem data, parecendo ser de 1904, refletem o mesmo estado de espírito e circunstâncias de 1903. No final deste último ano, um sócio da Casa Costa Pacheco deixou de renovar seu contrato com a empresa, abrindo, finalmente, a possibilidade de ascensão de Antonio na firma e do casamento que se realizará em 1905.

Todas as cartas de 1904 datam do Rio de Janeiro. Uma de 11 de janeiro, descreve os inconvenientes de se locomover a cavalo. Acredito que fosse por causa dos transtor-

nos dos transportes para o centro com as obras de urbanização da prefeitura. Relata que: "sacudido pelas sacudidelas do bucephalo, mas não tão desconjuntado como da primeira vez, creio que fazendo a viagem o anno inteiro quando for lá para dezembro devo estar quasi acostumado" (carta de 11 de janeiro de 1904). Em 18 de janeiro de 1904, informa a Georgeta que: "Cheguei perfeitamente às 8 horas, mudei de roupa com receio de que a polícia vendo-me assim me prendesse" e, mais adiante, lamenta: "Já estou habituado à viagem a cavalo: estou como se não tivesse saído do Rio." A vida da cidade estava perturbada, várias regiões, tais como Santa Tereza, não tinham luz.

Algumas cartas de novembro de 1904, constituem um testemunho do ambiente da época. Em 14 de novembro desse ano, informa que:

Todas as obras da avenida estão paradas, dos lampiões elétricos não ficou um, e meia dúzia de vadios divertem-se a quebrar lampiões e bondes, tendo estes últimos desaparecido completamente da circulação. O mais estranho é que a tropa, vê e não intervém. Está tudo fechado. Não se pode vender armário, que é pior de tudo. Estou com a cabeça esquentada e os olhos ardendo-me por não ter dormido - faz um calor abafado. Se as arruaças continuarem amanhã, é certo que ficarei para aferrolhar os meninos para que não deixem quebrar a cabeça.

No dia seguinte, porém, já afirma: "parece que está terminada a desordem mas continua tudo paralisado". Em 17 de novembro conclui que: "Está acabada a balburdia e apenas há umas patrulhas dispersas pelas ruas para evitar qualquer desordem."

No ano de 1905, Antonio Dias Leite é admitido como sócio da Casa Costa Pacheco.

Em 1906 houve um declínio das greves interrompido apenas pela dos sapateiros que contaram com a solidariedade da maioria dos sindicatos do Rio de Janeiro e logra impor suas reivindicações ao patronato, após dois meses de paralisação, envolvendo perto de 60 estabelecimentos. A partir de 1906, os preços do café melhoram até 1912, exceto no ano de 1908. A moeda estava forte e estável, a produção expandiu e os circuitos comerciais com a Europa são reabertos.

A correspondência de 1906, dos primeiros meses do ano é escassa, concentrado-se de agosto a dezembro, período de viagem à Europa, a bordo do Clyde, da Real Mariinha Inglesa, que parte do Rio de Janeiro com atraso devido à greve dos carvoeiros. Dirige-se a São Vicente e Santos para, em seguida, cruzar o oceano. A 20 de agosto entra na Barra do Tejo. Nessa viagem repete-se em grande parte o circuito anterior, Portugal, Paris, Londres, Berlim, acrescentando-se Budapeste e Dresden. Refere-se à vida cultural, à compra de livros e, a propósito de um pedido de emprego, faz uma

síntese das diferenças entre as mentalidades dos comerciantes e dos descendentes das famílias da aristocracia rural decadente:

Aspira a alguma coisa mais do que ser empregado bem remunerado n'uma casa commercial - pretende qualquer coisa em que trabalhe com amor. Qualquer coisa que mais do que lucro lhe dê honra. Qualquer coisa em que seja preciso mais intelligencia do que trabalho, qualquer coisa em que possa brilhar ao mesmo tempo a sua intelligencia, educação, illustração, savoir vivre. Uma coisa que venha augmentar o bom nome dos Kendall e prove ao mesmo tempo que se elle não brilhou nos cargos que occupou é porque os cargos não estavam a altura d'elle. Je ne sais pas si je me fais comprendre? Como se diz numa revista da Scala.

O que elle quer exactamente não sei nem elle o sabe, - mas com o tempo, se a tal oportunidade surgir elle a verá e procurará aproveitar - política, diplomacia, finança ou coisa parecida mas em todo o caso qualquer coisa acima da média das aspirações burguesas. Foi o que numa bela noite estrellada me pareceu apprehender das suas idéias". (carta de 18 de novembro de 1906)

Chega em Berlim na ocasião de um feriado religioso, considerado dia de arrependimento dos pecados cometidos pelos fiéis, comenta a estadia no trecho transcrito abaixo:

Para não lembrar dos meus inúmeros pecados estive vendo amostras até a huma da tarde, depois sahimos para almoçar e em seguida a Unten den Linden na esperança d'encontrar um automovel em que pudéssemos ver um pouco de Berlim. Lá encontramos um auto mas em vez d'elle tomamos uma carruagem puchada por velhíssimo cavallo, o que teve a dupla vantagem de não fazer tamanha corrente d'ar e, marchando menos rápido que o automóvel deixar-nos apreciar melhor as ruas por onde passávamos. Na Thiergarten bahnhof tomamos o comboio onde me envenenei por 10 minutos n'um compartimento de fumistas (IIª Classe) até Friedrichs Srasse cuja estação é pertinho do hotel." "Berlim melhora e aumenta n'uma proporção e com uma rapidez verdadeiramente admiráveis. Creio que a sua população já deve ser igual a de Paris, uns 3 milhões de habitantes e se não tem um Louvre e uma Ópera, em compensação, a media das ruas e das casas é mais ampla, mais bonita e mais limpa. (carta de 21 de novembro de 1906)

No dia 28, Antonio saiu junto com um companheiro de trabalho, de Berlim para Praga, parando algumas horas em Dresden, "... é uma bella cidade, muito bem edificada, muitos palácios mas fiquei um pouco desapontado com a galeria de pinturas que é boa mas a julgava muito melhor." A próxima carta é de 5 de dezembro, de

Viena, refere-se quase exclusivamente às compras de tecido e vestuário. Também considerou Budapeste um bom mercado. Em carta de 3 de janeiro de 1907, informa que pretende regressar pelo Amazon no dia 11. Não se conservaram outras cartas desse ano, ou de 1908.

Em 10 de agosto de 1909 estava à bordo de um navio da Cia. de Navegação de Hamburgo, aguardando a escala em Southampton no dia seguinte, para desembarcar em Boulogne, no dia subsequente. Refere-se a passagem por Portugal, agitado pelo anticlericalismo.

De Paris comunica sua intenção "de ver mais aeroplanos" e seus projetos de regresso em novembro (carta sem data). Em 16 de agosto escreve de Chatel Guyon, na Suíça, nele permanece por alguns dias para tratamento de águas.

Em 26 de setembro de 1909 escreve de Paris, e refere-se à intenção de ir as corridas de Longchamps para observar as modas, visitar o Grand Palais e a exposição de aeroplanos, vendo inclusive o de Bleriot, que atravessou a Mancha, e o Baby, de Santos Dumont, expressando sua surpresa com a rapidez do progresso da aeronáutica. Descreve e desenha os modelos de chapéus que estão em voga e visita o Louvre. Em 9 de outubro volta a referir-se aos aviões:

É uma coisa admirável ver o aeroplano partir: correr pelo chão e elevar-se gradualmente depois voltar a direita e à esquerda, subir e descer com as rodinhas de "lancement", dependuradas como as garras d'um pássaro e por fim baixar, diminuindo a velocidade até que de novo as rodinhas tocam o chão e percorrem uma pequena distância até parar de todo.

Num dia, 200.000 pessoas visitaram a exposição, os trens não davam vazão. Em Jouisy, local do evento, não sobrou comida, carruagens caíam na estrada, mais de 40 automóveis ficaram abandonados em pane; na volta havia na estrada pelo menos uns 200 automóveis, um grande engarrafamento; mulheres tiveram chilikues. No dia seguinte, o piloto Paulhan caiu com seu monoplano e "pencas de gente" foram ver o acidente.

Não existem cartas de 1910 e 1911; em 1912-1913 Antonio retorna à Europa, fazendo percurso semelhante aos anteriores. Apesar da guerra, ele ainda faz uma viagem de negócios em 1915. No pós-guerra as viagens escasseiam devido às condições precárias da Europa, e aos problemas decorrentes da grande depressão (1929-1933-34). Existem apenas cartas de 1919, 1925, 1929.

Em 1918 Antonio Dias Leite saiu da Casa Costa Pacheco e fundou sua própria firma em sociedade com o comerciante português José Siqueira, como já referenciado. Nesse ano houve uma crise decorrente da epidemia da gripe espanhola, tendo a Casa

Siqueira Leite contribuído para o sustento dos doentes. Entre 1919 e 1929 passou por grandes dificuldades com a forte queda do poder aquisitivo do mercado interno. Na década de 1930, deu prioridade à sua atuação no âmbito das comunidades portuguesas e do Real Gabinete Português de Leitura. A sua posição como proprietário limitava sua atividade no circuito comercial europeu, porém a importação permaneceu importante, e ele próprio viajou em 1935, 1936 e 1939. A Segunda Guerra Mundial interrompeu esse intercâmbio. A recuperação da economia europeia prolongou o impacto da guerra sobre o comércio.

A correspondência rapidamente analisada nesta comunicação revela a extensão e relativa integração do mercado interno, a importância do circuito de importação internacional de bens de consumo, o perfil de um comerciante que contradiz os estereótipos sobre o comerciante português. Antonio Dias Leite trabalhara em Portugal, com Eiffel, na Inglaterra, no banco de Londres, numa livraria famosa de Lisboa, conhecia cinco línguas, era apreciador de teatro, de ópera, de música, possuía uma vasta biblioteca de literatura e história e tem clara consciência da condição da burguesia e da aristocracia rural.

Não foi possível consultar no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) os dados relativos ao capital, sócios, volume de comércio das empresas estudadas porque aquela instituição estava em greve. O tamanho das duas casas comerciais, objeto desta comunicação foi avaliado como pequena a partir dos dados sobre as retiradas dos sócios comparados com os de outras empresas levantadas por Wagner Chagas Menezes⁵.

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar o comércio de importação, atacado e varejo do ramo de tecidos, modas e armarinho do Rio de Janeiro, um dos mais importantes da conjuntura de expansão do fim do século XIX até a crise das décadas de 20 e 30 do século XX, período de elevada imigração portuguesa que dominou a atividade mercantil da capital do Brasil. A principal fonte documentária usada foi a correspondência inédita de um comerciante português que descreve com perspicácia e estilo elegante o ambiente da época, as condições de trabalho em Portugal e no Brasil e os circuitos europeus de importação que incluíam os principais centros capitalistas: Paris, Londres, Berlim, Praga, Budapeste, Viena. Esta e outras fontes, tais como jornais, analisam a formação da moda no Rio de Janeiro com as adaptações do modelo importado ao gosto e clima locais.

Palavras-chave: Comércio. Português. Brasil. Rio de Janeiro. Moda.

⁵ MENEZES, Wagner Chagas de. *Op. cit.*, nota 2.

Abstract

The basic aim of the text is to analyse the gross, retail and import commerce of textile, fashion and haberdashery, one of the most important branches of trade in Rio de Janeiro, towards the end of the XIXth century, until the depression and crisis of the second decade of the XXth century, period of economic and immigration expansion, particularly from the Portuguese who controlled the market. The main historical source used was the unprinted correspondence of a Portuguese merchant which describes with a keen sense of observation and elegant style, the social surroundings of the period, the working conditions in Portugal and Brazil and the European circuit of imported goods which included the outstanding capitalistic centers: Paris, London, Berlin, Prague, Budapest, Vienna. This and other subsidiary sources, give original data about the formation of fashion in Rio de Janeiro, resulting of adaptations of the imported models to the local taste and climate.

Key-words: Commerce. Portuguese. Brazil. Rio de Janeiro. Fashion.